

O SLOW FASHION E O DECRESCIMENTO: O PAPEL DO ARTESANATO NA MODA SUSTENTÁVEL

Slow Fashion and degrowth: the role of handicraft in sustainable fashion

Pinto, Antonia Juliana Marques; Mestranda; Universidade Estadual do Ceará,
julianamrqs@outlook.com¹

Resumo: O presente artigo reflete sobre as iniciativas sustentáveis do movimento *slow fashion* e do decrescimento por meio da atividade artesanal da renda de bilro no Ceará. Para isso, o trabalho realizou a revisão de literatura acerca do *slow fashion*, decrescimento e artesanato, além de entrevista exploratória utilizando a análise de conteúdo para interpretação dos dados. O trabalho apontou as potencialidades do artesanato para realizar as propostas do *slow fashion* e do decrescimento.

Palavras-chave: slow fashion; decrescimento; artesanato.

Abstract: This article reflects on the sustainable initiatives of the slow fashion movement and degrowth through the artisanal activity of bobbin lace in Ceará, Brazil. To achieve this, the study conducted a literature review on slow fashion, degrowth, and handicraft, as well as an exploratory interview using content analysis for data interpretation. The study highlighted the potential of handicraft in fulfilling the principles of both slow fashion and degrowth.

Keywords: slow fashion; degrowth; handicraft

Introdução

O presente trabalho apresenta uma discussão parcial da investigação desenvolvida no mestrado do programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará. O artigo propõe uma reflexão sobre o *Slow Fashion*, com foco em sua proposta de sustentabilidade na moda em parceria com artesãos, e o movimento do decrescimento², que questiona os níveis de consumo das sociedades capitalistas e identifica no imperativo do crescimento o principal obstáculo para a construção de sociedades sustentáveis. Desse modo, o trabalho concentra-se nas características da atividade artesanal da renda de bilro, na região do Trairi, no estado do Ceará.

¹ Graduada em Design-Moda pela Universidade Federal do Ceará e mestranda do programa de pós-graduação em sociologia da Universidade Estadual do Ceará. <http://lattes.cnpq.br/8866353997812502>

² Um movimento que se propõe como um horizonte político na criação de novas formas de produção e vida social (ACOSTA, 2018). Para Acosta (2018) o decrescimento apoia tanto mudanças macro, nas instituições econômicas e políticas, como mudanças micro, nos valores individuais.

Em um contexto de emergência climática, provocada pelos modos de produção e consumo das sociedades capitalistas, é incontestável a necessidade de buscar uma alternativa para substituir uma economia que precisa dobrar de tamanho a cada dez anos (Hickel, 2020). Sendo assim, esse escrito surge de uma questão debatida por estudantes e profissionais de moda que ao observarem os impactos sociais, ambientais e culturais da indústria da moda questionam-se sobre as saídas para ampliar suas possibilidades de ação, as quais são atualmente limitadas pelo modelo econômico que prioriza os lucros acima do bem-estar das pessoas e da natureza.

Partindo dessa indagação, ao identificar que a lógica de desenvolvimento não considera a finitude dos recursos naturais e os limites da biosfera, a questão norteadora deste artigo é: Partindo do *Slow Fashion* e do decrescimento, como o artesanato pode mobilizar mudanças nas formas de produzir e consumir com o objetivo de construir uma moda sustentável? Devido às experiências do *slow fashion* na cidade de Fortaleza estarem vinculadas ao artesanato, o trabalho foca na atividade artesanal da renda de bilro e nos conhecimentos e nas habilidades intrínsecos à essa técnica de produção de vestuário.

Nesse sentido, o objetivo deste escrito é compreender como o artesanato pode apresentar uma nova perspectiva sobre a produção e consumo de moda com base nas transformações propostas pelo o *slow fashion* e o decrescimento. Para isso, o texto caracteriza o movimento do decrescimento e o *slow fashion* e em seguida busca entender a dinâmica de produção do artesanato da renda de bilro na comunidade de Emboaca.

Dito isso, a pesquisa é de natureza qualitativa e foi realizada por meio da revisão de literatura e entrevista exploratória. Sendo assim, foi feita uma pesquisa exploratória na comunidade pesqueira de Emboaca, no município do Trairi, Ceará, para entender a atividade artesanal da renda de bilro na região. Desse modo, foram entrevistadas cinco rendeiras da comunidade de Emboaca, durante o evento Festa da Pesca Artesanal em novembro de 2022.

O método utilizado foi a análise de conteúdo para interpretação dos dados, articulando um diálogo entre as dimensões do *Slow Fashion* e o decrescimento para entender as potencialidades dos saberes locais junto a moda sustentável. Na fundamentação teórica, o *slow fashion* é abordado por Fletcher (2011) e Berlim (2016), enquanto o decrescimento é discutido por Latouche (2009), Acosta (2018) e Hickel (2020), além da incorporação das observações de Fleury (2002) sobre o artesanato das rendeiras de bilro.

O decrescimento e a indústria da moda diante da crise climática

Considerando que as práticas do modelo econômico vigente desencadearam o cenário de crise climática, para Acosta e Brand (2018) o modelo de vida consumista defendido e praticado pelas elites do Norte e do Sul põe em risco os ciclos ecológicos do planeta e marginaliza cada vez mais pessoas dos supostos benefícios do desenvolvimento. Diante disso, o uso de recursos naturais por todas as indústrias precisará ser repensado e o sistema da moda não estará fora da adaptação necessária.

É válido destacar que a roupa além de atender a uma satisfação subjetiva, também é uma necessidade básica, pois mesmo em períodos de extrema crise com restrições e racionamento, como as guerras, as pessoas ainda precisam se vestir (Fletcher, 2021). Desse modo, o sistema da moda deverá se transformar para atender a modos de vida que estejam em equilíbrio com os limites da natureza. Visto que esses vêm sendo ultrapassados e podem chegar aos chamados pontos de inflexão, quando os ecossistemas não tiverem condições de se regenerar.

Tal cenário tem causado uma emergência climática, pois como enfatiza Svampa (2020) o aumento da atividade industrial impulsiona a mudança climática e as emissões de gases do efeito estufa através do desmatamento e da contaminação da água e dos solos, provocando alterações nos ciclos da terra por meio da ação humana. Diante disso, a interferência no equilíbrio dos ecossistemas foi profunda a ponto de geólogos apontarem a mudança geológica da terra. Como explica Svampa (2020) o planeta passou de uma era de estabilidade climática, o holoceno, para o Antropoceno, uma era de mudanças bruscas no planeta e que podem ser irreversíveis.

Nesse contexto, a crise climática juntamente ao aumento das desigualdades e a pandemia da Covid-19 potencializam o debate sobre a necessidade de transformações sistêmicas no nosso modo de vida. Sendo assim, segundo Berlim (2021) as críticas ao sistema da moda crescem de modo nunca antes visto, os designers apontam o consumo excessivo do setor, ambientalistas e ONGs denunciam intensamente o segmento e os consumidores veem uma alternativa em micropolíticas de consumo consciente.

A crítica à moda concentra-se, principalmente, na rapidez da indústria, que serve a lógica de crescimento econômico capitalista. Para Fletcher (2010) o *fast fashion* não é moldado pela velocidade, mas por práticas de negócios voltados para a economia do crescimento, um

objetivo universalmente aceito. Assim, para sustentar uma economia que produz em alta velocidade, os produtos necessitam ser consumidos no mesmo ritmo. Como Svampa (2020) aponta, esse sistema é baseado na obsolescência programada, que para maximizar os lucros reduz a vida útil dos produtos, trata-se de uma prática insustentável que é utilizada pela indústria de eletrodomésticos, computadores e roupas.

Considerando o exposto, o crescimento é o principal fator a ser repensado para a construção de uma moda sustentável, visto que o desenvolvimento é incompatível com práticas que coloquem o bem-estar das sociedades e do planeta em primeiro lugar. Para isso, é necessário ampliar as possibilidades de produzir e consumir, o que é apresentado pelo decrescimento. Como explica Latouche (2009) o decrescimento é uma proposta crucial para expandir a criatividade do imaginário que foi limitada pelo totalitarismo economicista e a lógica de crescimento e progresso.

Nesse sentido, Latouche (2009) caracteriza o decrescimento como um projeto político de construção de sociedades conviviais e autônomas. Para isso, o autor enfatiza que o projeto se baseia na realidade, e embora ainda não possa ser transformado em objetivos prontos para a ação, conta com o ciclo virtuoso do decrescimento. Apesar do ciclo conter oito etapas: reavaliar, reconceituar, reestruturar, realocar, redistribuir, reutilizar, reduzir e reciclar, este trabalho focou nas que mais se adequam ao tema tratado, que são: reconceituar, realocar e reduzir que serão discutidos ao longo do texto.

Dito isso, o decrescimento considera o modelo capitalista como obstáculo fundamental diante da transição para uma sociedade sustentável. Como explica Acosta (2018) os modos de vida das sociedades, organizadas dentro da produção capitalista, têm provocado secas ou inundações, contaminação, perda de biodiversidade e danos aos ecossistemas. Nesse contexto, no que se refere a indústria da moda, a produção de matéria-prima é marcada por inúmeros impactos socioambientais. Como afirma Fletcher (2011), a confecção de materiais para o vestuário está associada às mudanças climáticas, poluição química, perda da biodiversidade, uso abundante de recursos não renováveis, produção de resíduos, danos à saúde humana, e impactos sociais negativos para as comunidades produtoras das fibras. Isso acontece devido ao aspecto predatório do capitalismo, no qual os empreendimentos utilizam a natureza como um banco de recursos a ser explorado para acumulação de capital.

Nesse contexto, Fletcher (2011) enfatiza que o caminho para sustentabilidade na moda passa por desvincular o sucesso de um negócio da necessidade de expandir o consumo,

buscando reduzir o uso de recursos e os seus efeitos nocivos. Para a autora, tal iniciativa é um grande desafio para a moda, pois sua estrutura está vinculada ao imperativo do crescimento econômico. Nesse cenário, ao propor a redução no consumo e imaginar novas formas de produzir, o decrescimento incentiva a inventividade e acrescenta uma perspectiva crítica ao setor da moda diante da crise climática. Isso alerta o segmento para a importância de se comprometer com as mudanças necessárias na sociedade, visto que a moda está inserida em estruturas sociais, políticas e econômicas e é essencial que ocorra alterações nestas para que haja uma transformação profunda na indústria em prol de uma moda sustentável.

Identificar o problema e trabalhar na construção e na transição para uma economia que seja justa e atenda às necessidades da sociedade e os limites do planeta parece o caminho lógico, mas como aponta Hickel (2020) o crescimento aparece como uma das maiores ideologias hegemônicas da história moderna e ninguém para com intenção de questioná-la, pois é como se não fosse possível, inclusive, imaginar a criação de um sistema melhor. Sendo assim, Acosta (2018) explica a contribuição de pensar a partir do decrescimento.

A perspectiva do decrescimento nos possibilita vislumbrar outras formas de produção e reprodução individuais e coletivas. Igualmente, nos convida a buscar outras formas políticas e sociais que permitam viabilizar economias democráticas muito diferentes das dominantes, instando-nos, por exemplo, a trabalhar em um esquema que assegure trabalho digno e pleno emprego, sensibilizando-nos a enfrentar as tensões existentes entre os desejos de consumo e os requisitos da sustentabilidade. (ACOSTA, 2018, P.116-117)

Diante disso, para o decrescimento é fundamental a construção de uma nova economia e para além disso, uma nova mentalidade que retire as sociedades dos padrões de consumo atuais, reduzindo-os. Em suma, o decrescimento é uma alternativa para enfrentar a crise climática, visto que "reduzir o uso de recursos remove a pressão dos ecossistemas e dá a teia da vida a chance de tecer-se novamente, enquanto reduzir o uso de energia torna mais fácil alcançar uma transição rápida para renováveis antes de atingir os pontos de inflexão" (HICKEL, 2020, P.34).

Slow fashion e a transformação radical da moda

Quando tratado de maneira superficial o movimento *slow* não conseguirá desarmar o ciclo vicioso do *fast fashion*, pois a mudança não é percebida de maneira profunda (Fletcher, 2008). O movimento *slow fashion*, segundo Berlim (2016) propõe o fim do hiperconsumo, a reutilização de materiais e a valorização de saberes e técnicas tradicionais. Assim, as ideias do

movimento rompem com o incentivo ao crescimento econômico como prioridade e convergem com as propostas do decrescimento.

Na indústria da moda as iniciativas de sustentabilidade têm investido na inovação de materiais. De acordo com Niessen (2023) uma abordagem que se limita em substituir matérias-primas é bem-sucedida em desviar a atenção coletiva para longe do centro do problema, o que permite que os negócios permaneçam com suas práticas usuais. Junto a isso, propostas que questionam o paradigma do desenvolvimento econômico são cooptadas pelo interesse do capital, assim, o *slow fashion* tornou-se uma estratégia de marketing (Fletcher, 2008). É nesse cenário que surgem criações, como o algodão BCI, que promete reduzir o uso de pesticidas e ser mais sustentável. No entanto, segundo o site *modifica* (2021) o algodão BCI, sigla para *Better Cotton Initiative*, é produzido por grandes fazendas e pode envolver corrupção, desmatamento ilegal e uso de pesticidas, sendo assim, esse algodão não pode ser considerado sustentável ou melhor.

Diante disso, a partir do decrescimento, é possível direcionar a atenção na raiz do problema e nas ações mais urgentes para manter o aumento da temperatura do planeta abaixo de 2° celsius. Como enfatiza Hickel (2020) para evitar o desastre climático é imprescindível reduzir as emissões a zero até 2050, os países ricos, até 2030, no entanto, tal objetivo não poderá ser alcançado a tempo se a economia se mantiver crescendo, visto que isso demanda mais energia e recursos. Manter esse objetivo em foco também ajudará a entender quais propostas auxiliam no combate à crise climática e quais são práticas de lavagem verde ou *greenwashing*, termo utilizado para nomear ações de marketing que têm o intuito de criar uma imagem sustentável de uma empresa, ainda que as práticas do negócio não sejam sustentáveis.

Nesse sentido, os questionamentos do movimento moda lenta não se restringem ao tempo de produção. De acordo com Berlim (2021) o *slow fashion* propõe ideias que conectem o tempo, a produção e o consumo ao ritmo de regeneração da natureza, priorizando o valor cultural e das tradições, além da qualidade dos ecossistemas e da sociedade, por meio de condições trabalhistas justas e produtos duráveis. Para isso, será necessário questionar os objetivos do desenvolvimento e o modelo produtivo. Sendo assim, Fletcher (2011) afirma que os problemas socioambientais na indústria da moda não podem ser resolvidos por ações de mercado, pois necessitam de abordagens morais e éticas, assim será preciso se distanciar do modelo atual de negócio. Esse rompimento com o modelo de desenvolvimento ilimitado, que orienta a produção acelerada de roupas e colabora com o esgotamento dos recursos do planeta,

é crucial para a mudança com a sustentabilidade como horizonte.

Diante disso, o *slow fashion* propõe um olhar para novos conhecimentos e habilidades na maneira de produzir vestuário. Como afirma Acosta (2016) o crescimento baseado na ideia de recursos inesgotáveis e um mercado que absorverá tudo que for produzido não tem levado e não levará ao desenvolvimento. Assim, para restabelecer o equilíbrio com a natureza o foco de atenção são as necessidades das comunidades e dos ecossistemas ao invés do crescimento vertiginoso da economia. Para Fletcher (2021) o foco na atividade local favorece a utilização de recursos da região, fortalece o conhecimento específico e a autossuficiência de uma comunidade. A autora enfatiza que propor o localismo é diferente de uma colaboração superficial entre marcas e artesãos, pois a proposta visa fortalecer identidades e o compartilhamento generoso de habilidades e recursos.

Renda de bilro: a roupa que dita o seu ritmo

A renda de Bilro é uma técnica artesanal presente, principalmente, no litoral e a origem mais aceita sobre a sua chegada no Brasil é através dos portugueses. De acordo com Fleury (2002) a renda surgiu na Itália e ao ser transmitida adquiriu novas características pela assimilação. Há inúmeras tipologias de renda no Brasil e algumas tornaram-se mais predominantes em determinadas regiões do que outras. Desse modo, a atividade é parte da expressão cultural de uma comunidade e fortalece a conexão com o território, sobretudo por ter se inserido na rotina das mulheres que a tecem e estar presente no decorrer dos acontecimentos cotidianos. Um exemplo disso, foi o relato de uma das entrevistadas que contou que durante o período morando na capital, Fortaleza, planejou levar a sua almofada para fazer renda, fato que nunca aconteceu, pois só retomou o ofício quando retornou à Emboaca.

Desse modo, Fleury (2002) aponta que o artesanato também é uma atividade econômica inserida no campo do trabalho e ocupa uma parte da população, além disso, fatores sociais estão envolvidos, visto que o setor atua no sistema informal de capacitação de mão de obra. Sendo assim, a renda é um modo de garantir um meio de subsistência no território e uma forma de permanecer nele, evitando a necessidade de uma população de migrar ou ser expulsa de seus locais, o que significa bruscas mudanças em seus modos de vida.

No entanto, o baixo investimento governamental em condições dignas para que a população disponha de meios para permanecer em suas comunidades e o espaço cada vez maior

dado a empreendimentos estrangeiros para exploração de recursos pressiona o modo de vida local. Essa dinâmica está presente em comunidades pesqueiras como a tratada nesse estudo, mas também é recorrente com os povos indígenas. Como afirma Krenak (2022), quando um yanomami é expulso da floresta na qual ele tem acesso à água, alimento e autonomia e migra para a capital, ele é convertido em pobre e isso é a produção de pobreza.

A visita ao campo ocorreu conjuntamente ao evento da festa da pesca artesanal em prol da defesa do território pesqueiro ocorrida em novembro de 2022, na comunidade de Emboaca, município do Trairi, estado do Ceará. A festa visava garantir fundos para ajudar na luta dos pescadores da região contra a instalação de eólicas no mar. Para Cunha e Barbosa (2022) o desenvolvimento interfere nas dinâmicas locais, no entanto, os conflitos podem impulsionar uma organização coletiva, visto que as comunidades lutam para permanecer em seus territórios.

Durante a manhã do evento fui apresentada às rendeiras da vila, que me receberam com acolhimento e ao final da conversa me indicavam uma rendeira próxima com quem eu poderia conversar. Assim, foram cinco interlocutoras com as quais conversei, tratando-se de uma entrevista exploratória a conversa iniciava-se com a seguinte pergunta: com quem você aprendeu a fazer renda? Seguida de perguntas sobre o tempo de produção, a comercialização das peças e a valorização da atividade. Nenhuma das mulheres com quem conversei tinha parceria com alguma marca de moda, assim, elas me relataram que as peças eram comercializadas na pousada da região ou por atravessadores. Uma característica em comum nos relatos é que a renda significa tanto uma ocupação do tempo como forma de lazer e terapia, assim como um meio de rendimento extra, ainda que o fato de não verem perspectivas financeiras no ofício tenha sido enfatizado.

No relato das rendeiras, é notório que o tempo da renda é diferente do tempo do sistema da moda. Enquanto nos últimos anos o setor acelerou seu modelo de *fast fashion*, a técnica da renda de bilro exige que se passe até um mês para finalizar um vestido. Nesse contexto, a vida em comunidade também é fortalecida pela atividade, uma das rendeiras relatou ter aprendido a fazer renda com a vizinha e contou que recorre a uma amiga da comunidade quando precisa costurar as peças ou criar novos desenhos. Das rendeiras com quem conversei, apenas uma cria os seus próprios desenhos no papelão e apresenta mais habilidades com a costura e modelagem das peças. Essa também é a única rendeira que possui um trabalho formal, por isso, dedica-se a fazer renda nas horas vagas de acordo com as encomendas.

No entanto, a desvalorização do ofício não permite que as rendeiras possam viver dessa

atividade. De acordo com o relato de uma das rendeiras, uma faixa de renda pode ser comercializada por três reais ainda que o tempo empregado seja de uma semana. No entanto, ao investigar a economia criativa da renda bilro como meio de convivência com o semiárido, Soares (2013) apresenta a relevância da atividade para as artesãs que relataram que apesar de ser pouco lucrativo, o artesanato auxilia na renda familiar e por isso, sonham com a valorização do artesanato.

Nesse contexto, Berlim enfatiza que o movimento *slow* identifica no artesanato um processo lento de fazer roupas e acessórios, ao mesmo tempo, que a atividade carrega um aspecto ativista por ter o potencial de ser democrático e não atribuído a quem detém o controle e o lucro do trabalho. Em relação às etapas do ciclo virtuoso do decrescimento, reconceituar, realocar e reduzir podem ser incentivados na atividade artesanal, uma vez que o tempo dos processos e a conexão com o território são priorizados em oposição ao crescimento e a produção em larga escala.

Assim, valores como a velocidade são reconceituados e os danos da produção são reduzidos. Além disso, a realocação da produção, que é abordada de forma semelhante no *slow fashion* pelo localismo, pode ser potencializada pela colaboração entre designers e artesãos. Visto que quando a ação das marcas com o artesanato estabelece remunerações justas, uma troca de conhecimento generosa e a inserção de fibras sustentáveis, nasce um produto de moda produzido com valores distintos da sociedade do crescimento.

Nesse cenário, a crescente busca dos consumidores por um consumo atrelado à sustentabilidade e por exclusividade em meio a produtos massificados representa uma oportunidade para marcas que seguem um modelo *slow* estabelecerem parcerias com artesãos. Nesse sentido, Sobreira (2020) aponta que a significativa presença de marcas de *slow fashion* no Ceará motivou o estudo do perfil de consumidor do *Slow*. No entanto, é necessário entender se esse localismo impõe modelos industriais de produção ou, como aponta Fletcher (2021), é caracterizado por um enraizamento que permite uma troca genuína em busca de novos modos de pensar, produzir e criar como alternativa ao sistema de moda vigente.

Considerações Finais

O *slow fashion* assim como o decrescimento apontam a relevância da transformação da economia e do incentivo à diversidade de pensamentos e ações no enfrentamento da crise

socioecológica. Nesse sentido, o movimento *Slow Fashion* concentra-se nos impactos socioambientais do setor da moda, assim como, nos obstáculos para a superação do modelo de negócio desenvolvimentista dessa indústria. Sendo assim, a busca por modos de produzir o vestuário sem ter como objetivo o crescimento não significa retornar a formas arcaicas de produção, mas transformar o modelo produtivo, utilizar novos materiais e priorizar habilidades e ritmos que respeitem o tempo de regeneração da natureza.

Apesar da transformação do modelo econômico corresponder a um aspecto crucial da mudança necessária para frear a crise climática, é necessário também que as sociedades alterem profundamente suas crenças, baseadas no crescimento e em uma dualidade entre cultura e a natureza. Como enfatiza Hickel (2020) trata-se de uma mudança da visão ontológica que separa os seres humanos e a natureza, visto que a filosofia dualista do século XVII é em alto grau responsável pela crise ecológica. A partir da transformação desse pensamento, para algo semelhante a visão dos povos indígenas, que possuem a cultura de pertencimento à natureza, práticas exploratórias não terão espaço, pois não serão mais vistas como aceitáveis.

Tal visão transformará profundamente o olhar dos designers e consumidores de moda, pois abrirá caminhos para investir tempo e recursos na criação e produção sem ter como prioridade a expansão e maximização dos lucros. Assim, produzindo não só o que é minimamente necessário, mas também o que satisfaz uma necessidade subjetiva de se expressar e comunicar através da roupa. É por essa linha de raciocínio, que o artesanato pode se apresentar como um caminho para desacelerar, se aproximar dos materiais presentes na região e consumir com mais significado. Desse modo, outras formas de produzir, desvinculadas do dualismo entre seres humanos e natureza, poderão florescer sem perpetuar o crescimento e a mentalidade que nos levou a crise climática atual. Desse modo, refletir sobre os conceitos de *slow fashion* e decrescimento podem auxiliar na análise necessária para compreender as mudanças que precisam ser empregadas na indústria da moda e delinear o futuro da moda em sociedades sustentáveis.

Referências

ACOSTA, A.; BRENDA, Tadeu. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Rio De Janeiro: Elefante; São Paulo, 2016.

ACOSTA, A.; BRAND, U. **Pós-extratativismo e decrescimento: saídas do labirinto capitalista**. Editora Elefante, São Paulo, 2018.



BERLIM, L. G. **Contribuições para a construção do conceito Slow Fashion.** dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, n. 32, p. 130–151, 3 ago. 2021.

CUNHA, R. DE C.; BARBOSA, L. P. **Resistências cotidianas em defesa do “bem viver”: o caso da comunidade Lapa, no sertão cearense.** Estudos Sociedade e Agricultura, v. 30, n. 1, 24 maio de 2022.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Moda & Sustentabilidade: design para mudança.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

FLETCHER, K.; THAM, M. **EARTH LOGIC Plano de Pesquisa- Ação para Moda.** Londres: The JJ Charitable, 2021. Disponível em: <<https://earthlogic.info/wp-content/uploads/2021/06/Earth-Logic-Portugue%CC%82s.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2023.

FLETCHER, K. **Slow Fashion: An Invitation for Systems Change.** Fashion Practice, v. 2, n. 2, p. 259–265, nov. 2010.

FLEURY, Catherine A. E. **Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo.** Editora Annablume, São Paulo, 2002

HICKEL, Jason. **Less Is More: How Degrowth will Save the World.** William Heinemann, London, 2020

KRENAK, A. **Futuro ancestral.** Companhia das Letras, São Paulo, 2022.

LATOUCHE, S. **Pequeno Tratado Do Decrescimento Sereno.** São Paulo: WMF, 2009.

MCKINSEY&COMPANY. **Fashion on climate.** McKinsey & Company, 2020. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/~media/McKinsey/Industries/Retail/Our%20Insights/Fashion%20on%20climate/Fashion-on-climate-Full-report.pdf>. Acesso em: 17 maio 2021

MODEFICA. **O Agro Não é Pop: 9 Motivos Pelos Quais o Algodão BCI Não é Sustentável.** Disponível em: <<https://www.modefica.com.br/o-agro-nao-e-pop/>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

NIESSEN, Sandra. **Defining Defashion.** In: The critical pulse, n.6, jan. 2023. Disponível em: <https://issuu.com/thecriticalpulse/docs/tcp_issue_6/s/17895047>. Acesso em: 15 set. 2023.

SOARES, João Luis Josino. **Economia Criativa como estratégia de convivência com o semiárido cearense: o caso do artesanato renda de bilro.** /João Luis Josino Soares. – 2013. 91f

SOBREIRA, É. M. C.; SILVA, C. R. M. DA; ROMERO, C. B. A. **Slow Profile: Estudo das Orientações ao Consumo de Slow Fashion.** Internext, v. 15, n. 3, p. 103, 19 ago. 2020.



17º  fórum das
escolas de moda

9º  CONGRESSO DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

SVAMPA, Maristella . **As fronteiras do neoeextrativismo na América Latina.** Editora Elefante, São Paulo, 2020.

ola@grandesite.com.br